

Mônica Rodrigues De Almeida

A Importância Da Alfabetização Na Cidade De Sorriso

Sorriso – MT

2017

## SUMÁRIO

1. CAPITULO I: A IMPORTANCIA DA ALFABETIZAÇÃO NA CIDADE DE SORRISO

2. CAPITULO II: EDUCAÇÃO INFANTIL



## Capítulo 1

### A importância da alfabetização na cidade de sorriso

A alfabetização vem sendo nos últimos anos um ponto de atenção em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Visto que tem papel crucial no desenvolvimento escolar da criança. Cabe lembrar que alfabetização neste processo evolutivo passa por transformações de pensamentos, pontos de vistas, mas não perde a ênfase de sua importância.

Em nível federal ocorreram nos últimos anos várias iniciativas e programas de formação dos professores alfabetizadores, bem como incentivo a estudos que busquem clarificar cada vez mais o que é alfabetizar, sua importância superando as fragilidades encontradas na atualidade brasileira. Visto que se encontra um alto índice de analfabetismo e o nosso país esta no ranking mundial entre os piores resultados de alfabetização que há muito analfabetos, mas daqui a um tempo vão estar em ótima classificação porque estão correndo atrás do estudo de como é importante a alfabetização em nosso convívio.

Nesta perspectiva é fundamental e necessário organizar melhorias em vários fatores que envolvem o processo de alfabetização, desde a formação inicial do professor alfabetizador na formação continuada e na relação prática em sala de aula. Identificar as causas e promover melhorias tanto na prática como nas concepções de aprendizagem sobre alfabetização e desenvolvimento humano.

É partindo desde princípio e acordo assumido pelo governo federal que se inicia pesquisas, estudos e implementação de melhorias na alfabetização. Uma delas que pode ser citada é o Pacto pela Alfabetização na idade certa. Mas antes já são observados outros programas de formação do professor alfabetizador como o PROFA

(Programa de Formação de Professores Alfabetizadores) e o Pró-Letramento a qualidade de educação cada qual desenvolvido em nosso Município como formação continuada promovida pelo governo federal com objetivos de melhoria do processo de alfabetização, em cada uma destas formações são observadas diferenças de posicionamentos, concepções, porém todas importantes para sua época e melhorias na qualificação do educador.

Cabe lembrar que a alfabetização sofre com o passar do tempo histórico mudança de conceitos, concepções e teorias, onde a criança ou indivíduo sofre influência direta na forma como é alfabetizada e vista como sujeito ativo do processo ou mero receptor mecânico do código escrito. Todas estas reflexões promoveram e promovem transformações cada vez mais significativas no processo do aprender. Segunda a autora Elvira Souza Lima.

“Quando uma entra na instituição educativa, sua experiência ali, o que lhe é ensinado tornam-se constitutivo de sua pessoa, modificando-a continuidade. isso significa que todo e qualquer processo de ensino-aprendizagem se insere em um contexto mais amplo de constituição da pessoa, porque a aprendizagem na escola não se efetua como um processo paralelo e dissociado de outras vivências e de outras instâncias de apreensão e compreensão” (2008 p34).

Sendo assim compreender a alfabetização ultrapassa o ler e escrever o código da língua escrita de forma mecânica, mas a alfabetização tem fator essencial na inserção do indivíduo na sociedade aprender a ler e escrever, compreender e saber fazer uso da língua escrita em diferentes situações. Segundo Magda Soares alfabetizar inicia na Educação Infantil, onde são desenvolvidos pré-requisitos do desenvolvimento humano.

A escola no município tem como objetivo de transformar a alfabetização dos educando de Sorriso com qualidade, promover um salto de melhoria nos baixos índices apontados no Brasil, mas que também são observados em nível Municipal e estadual.

Atualmente estes dados são monitorados e acompanhados por registros dos sistemas de avaliações aplicados no Brasil, um desses Índices de Desenvolvimento da educação Brasileira - IDEB entre outros como o acompanhamento da formação dos professores futuros professores toda assumida pelo Brasil.

Esta preocupação ocorre desde a educação infantil, tendo em vista que é neste nível que se inicia o processo de inserção da criança com o mundo da leitura e da escrita, socialização, o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático a ampliação do vocabulário, contato com regras e convívio em grupo, além do desenvolvimento da atenção, concentração, percepção, imaginação, memória e autonomia, assim a criança terá probabilidade de sucesso educacional.

Uma escola com o projeto educacional claro planejado obtém grandes possibilidades de sucesso na alfabetização de seus alunos, como observa os autores “Para planejar o processo de alfabetização e ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa de texto tomou quatro eixos direcionados: leitura, produção de texto escrito, oralidade e análise lingüística” (MAGALHÃES ETAL2012, p. 07).

Já citado pelos autores a escola precisa ter um planejamento, partindo de um eixo onde sua fundamentação teórica e ações práticas cheguem ao objetivo desejado em relação alfabetização. Nesta perspectiva é fundamental definir que a opção de equipe escolar faz em relação ao processo de alfabetizar, clarificar os conceitos de a equipe traçar metas coletivas, bem como avaliar na instituição o desenvolvimento e resultados.

No eixo de leitura é fundamental citar que a criança necessita ler, ouvir e conviver com vários gêneros de leitura e isto desde a educação infantil, pois quando o projeto é da escola estas iniciativas iniciam na Educação infantil e concretizam-se no ensino fundamental com uma alfabetização consciente. A leitura envolve aprendizagem de diferentes habilidades, como: o domínio dos signos e significados que implica na transformação da oralidade em escrita, escritas que possuam informação, compreensão de informações explícitas e implícitas do texto lido, a construção de sentido. Quanto mais vezes se leem e ouvem os textos

mais será elaborada a produção por parte do leitor, ler é compreender o que está escrito, entender o vocabulário utilizado viajar nas entrelinhas e sentir o prazer e assimilar o contexto do que está escrita.

No processo inicial de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, cabe ao professor ser o mediador da turma auxiliando os alunos na elaboração dos objetivos e hipóteses de leitura e escrita. A criação de hipóteses antes e durante o ato de ler e escrever, esta correlacionando aos conhecimentos prévios dos aprendizes com aqueles que se podem reconhecer o texto, é um processo decodificar, compreender, de imaginar, criar, e arquivar o conhecimento aprendido, nesta fase inicial a leitura de imagens é um bom exemplo deste processo.

Enquanto a criança observa a imagem imite frases, falas como se estivesse lendo um processo natural de criação e imaginação, bem como de imitação do mundo leitor fundamental para aprendê-lo a ler, ler para nossos alunos é prático e fundamental para despertar o gosto e o desejo pela leitura é onde eles aprendem a gostar e começam a ter curiosidade em ler.

Entretanto, ler não é o sinônimo de contar histórias, as duas têm papel importante na aprendizagem, contudo a escola precisa praticar o hábito de ler, quando o professor lê uma história para seus alunos os mesmos ficam interessados e despertam a vontade em saber o que está escrita, o querer ler, inclusive ler aos seus colegas em sala de aula ao ler aos colegas o aluno está tendo coragem de aprender as primeiras palavras

Quando lemos o texto escrito para nossos alunos permitimos que eles aprendessem aspectos peculiares da modalidade escrita, ou seja, como a estrutura sintática, o vocabulário, os elos coesivos. Quando contamos com as nossas palavras e não os do autor deixaram de propiciar a convivência da criança com a linguagem escrita, embora outras aprendizagens possam ser realizadas. É fundamental que o professor alfabetizador utilize diferentes estratégias de leitura, sem esquecer que a leitura é o canal de entrada e de sentido ao querer ler,

pois se não sentimos necessidade de ler ela não nos faz sentido não nos interessa e para aprender a ler precisamos estar conectados com o querer aprender e o trabalho sistematizado do professor.

No nosso dia-a-dia, utilizamos a leitura com diferentes objetivos (lemos para obter informações sobre um assunto específico para termos informações na rua que muitas vezes para distrairmos para tudo que precisarmos), os quais direcionam nossas atitudes diante do texto. São estratégias práticas sociais que vivenciamos em nossas ações de leitores competentes que devem ser tomadas como base para o ensino e o trabalho em sala de aula com a leitura diminuindo cada vez mais as atividades artificiais e proporcionando, com mais intensidade, e as atividades próximas às práticas sociais do letramento.

Quando se fala em escrita, no primeiro ano é comum que se associe esta atividade como um fazer diário ler e escrever, porém o texto pode ser uma palavra, uma lista de palavras uma história recontada, uma história criada, a letra de uma cantiga, uma quadrinha, um poema, um anúncio, uma propaganda, um provérbio, uma história literária, um bilhete, uma receita, um cartaz entre outros exemplos a serem escritos em sala de aula para o aluno começar a desenvolver seu próprio texto. Partindo dessa forma o aluno esta espontaneamente em contato com a leitura e escrita e o aprender a ler e escrever serão conseqüências do fazer sistematizado do professor.

Levar ao aluno a escrever “do jeito que acha que é” é uma maneira de incentivá-lo a buscar estratégias para colocar no papel o que quer informar ao seu leitor. Quando solicitamos que a criança faça um desenho sobre a parte que mais gostou de uma história ouvida e escrever sobre esta parte para divulgar em um mural para que outras pessoas possam ler e entender o que eles fizeram, proporcionamos uma reflexão sobre a escrita e a busca de soluções para as questões que se colocam acerca da apropriação do sistema de escrita.

O papel do professor é mediador ativo onde revisa o texto, realiza atividades de reestruturação de texto, para que possa ser coletivamente discutido e assimilado e depois exibido no mural. Expor no mural é muito importante porque a criança pode aprender revisar e fixar uma convenção social que dita à escrita nas regras servindo como reforço positivo para a memória de longa duração. É fundamental permitir várias formas de escrita, escrever bastante no decorrer dos anos e com interferências pedagógicas positivas faz com que o processo de escrita se aprimore, pode-se dizer que quanto mais se lê melhor a fluência e compreensão da leitura, quanto mais textos escritos são produzidos melhor a estrutura coesão e argumentação, consequentemente ler e escrever são ponto chave de nosso desenvolvimento escolar.

Escrever pode ser uma prática ainda não tão frequente no cotidiano de algumas crianças, por que ainda não saibam escrever convencionalmente ou pelo fato de algumas práticas alfabetizadoras pautarem-se na cópia, repetição, outro fato de serem pouco aguçados pela família ou comunidade em situações diárias, poucos possui o hábito de ler. É importante que a leitura faça parte do cotidiano da criança pelo menos em sala de aula.

Despertar nos alunos o desejo de escrever é papel da escola, mas sabe-se que escrever apenas para o professor corrigir ou guardar não é prática sedutora para o aluno, ter o que dizer e a quem dizer é, portanto, os primeiros passos para a formação do aluno para a produção de texto.

A produção de texto, na escola pode ser dada de diferentes formas: coletivamente por meio de um escriba que é o professor, mediador que vem aplicar aula com seu conhecimento, com sua formação onde entende todo conceito de aplicação profissional que ele sugeriu pelo aprendizado que pode ser dado em dupla ou individualmente. Quando o professor atua como escriba, ensinam os alunos as diferenças entre linguagem ideiam a importância de sempre revisar no que foi

produzido, pois sempre há erros e com a revisão eles mudam as ideias, palavras e aprendem mais cada passo na produção e as próprias estratégias de registro a se assumirem como autores que eles são importantes, que assim estão aprendendo e desenvolvendo o ler e escrever a produção de texto.

O trabalho em dupla é um recurso metodológico interessante porque permitem que os alunos interajam troquem informações e resolverem conflitos, o que favorece a participação mais efetiva e comunicativa ao produzirem o texto, os alunos confrontam suas hipóteses, negociam a escrita e auxiliam uns aos outros, tem uns alunos que alguns entendam mais e produzem mais textos certos na norma na organização correta. Precisam entender e definir o que vão dizer, ou seja, o tema da produção é como vão dizer, são as suas próprias ideias, as suas palavras devido o tema, com isso vão ser escrito uma produção de texto que é fundamental para o desenvolvimento da leitura e a escrita.

Segundo os autores Artur Gomes de Moraes; Tânia Maria S.B Rio Leite, (2012) antigos métodos de alfabetização elaborados em épocas nas quais não dispúnhamos dos conhecimentos que hoje a psicolinguísticas nos oferece, tinham e tem uma visão muito equivocada sobre como um indivíduo que aprende a escrita alfabética. Segundo os métodos silábicos ou o fônico o aluno seria uma “tabula rasa”, repetindo informações prontas transmitidas pela professora, se alfabetizaria sem ter que modificar suas ideias prévias sobre a escrita, de um modo a compreender como o alfabeto funciona. De acordo com essa visão, para aprender a ler e escrever seria preciso apenas ter habilidades perspectivas e motoras, ou seja, discriminação visual, discriminação auditiva, coordenação motora fina, etc.

Todo o trabalho mental do aprendiz seria reduzido a memorizar o nome da letra, o traçado, decorar os sons que elas substituíram. É por isso que de acordo com aqueles métodos, os professores esperavam que os alunos fossem se alfabetizando, na medida em que em que esse treinado a repetir as correspondências som-grafia que a cartilha lhe apresentava, seja pela memorização das famílias silábicas, (BA, BE, BI, BO, BU; LA, LE, LI, LO, LU), pela leitura respectiva de palavras, mas continuavam sem compreender “como as letras funcionavam”. Estes

métodos praticavam algo desconexo da realidade da criança, é comum encontrarmos cartilhas com frase: “O Ivo viu a uva.” Ou “A baba do boi é

boa”. Ou textos artificiais do tipo: “A Banana. A banana é amarela. A banana é gostosa, Que gostoso comer banana”, estas situações desconexas da realidade eram ações mecânicas e pouco se utilizavam do raciocínio, da criatividade, e o aluno passa a seguir modelos e ampliando dificuldade de produzir textos. Sendo comum ouvir adultos expressando o medo e a dificuldade de escrever textos.

Nem todo aluno tem interesse de ler e escrever, porém quanto mais próximo ao seu cotidiano como, por exemplo, o uso do seu próprio nome no processo inicial da alfabetização encanta e desperta interesse além de identificar a criança como indivíduo pertencente à sociedade, o objetivo é ensinar o aluno desde as séries iniciais que a cada ano é a continuidade de alfabetização e aprendizado da forma, mas existem pré-requisitos e cabe ao professor desenvolver ao máximo seu educando.

Toda criança necessita aprender e entender os aspectos conceituais da escrita alfabética e saber a tal compreensão de como funciona e quando deve ser utilizada, sendo capaz de gerar a leitura ou a escrita e novas palavras, pois muitas têm palavras que modifica sua escrita, bem como sentido em contextos diferentes, para isso ler envolve compreender o que é lido. Ler envolve raciocínio, imaginação e conceitos.

De acordo com os autores Ferreiros e Teberosky (1986), os aprendizes passam por quatro períodos nos quais tem diferentes hipóteses e explicações para a escrita alfabética veremos como funciona: pré-silábica, silábica, silábico-alfabético e alfabético.

No período pré-silábica, a criança não entende o que é a escrita, o que ele mesmo escreveu, são “pedaços sonoros” onde fazem rabiscos, bolinhas, apenas rabiscam para dizer que escreveram corretamente.

No período silábico nessa parte ocorre uma revolução, a criança descobre o que coloca no papel tem a ver com as partes orais que

pronuncia, ao falar as palavras, demonstra que está começando a compreender que a escrita nota a pauta sonora das palavras, passa a usar letras, mas sem estabelecer a relação.

No período alfabético, as crianças escrevem com muitos erros ortográficos, mas seguindo o princípio nota, de modo exaustivo, a pauta sonora das palavras, colocando letras para cada sonzinho que a palavra estabelece em sílaba.

Essa etapa do processo de apropriação do sistema é preciso compreender que a criança ainda não pensa em fonemas isolados, o correto ela sabe que, por exemplo, as palavras cavalo, casa começa parecidos.

Alfabético: defino que as crianças não começam a tentar compreender a escrita apenas quando entra no 1º ano. A alfabetização ocorre em ritmos diferentes, algumas crianças começam a desenvolver desde o primeiro ano de escola, depende de cada criança, mas principalmente do trabalho do professor, pois hoje mudou muito o planejamento na escola dependendo da atividade que o professor estabelece para sua turma, há alunos que começam aprender as simples letras (vogal) e o seu próprio nome fundamental.

Algumas crianças já iniciam a 1º ano lendo, outras, sabem escrever seu nome, mas é fundamental que o professor que atua com os anos iniciais do Ensino Fundamental tenha consciente de que estas diferenças são naturais e busque em seu trabalho metodologias que envolvam uma aprendizagem significativa, que acolha e ensine o que os que ainda não dominam a leitura necessitam e desafiem aos demais no seu desenvolvimento contínuo, ou mesmo crie espaços de colaboração em sala de aula, onde as atividades auxiliem ao desenvolvimento de todos. Cabe lembrar que o professor precisa ensinar, a criança precisa aprender e, portanto necessita planejar bem suas aulas, organizar o que irá ensinar ter clareza do processo de interferência e evolução da escrita, considerar o educando um aprendiz, valorizando seus progressos, mas cobrando sua evolução. Ensinar não significa aceitar que o aluno não aprendeu ensinar significa desafiar-se ao máximo para que seu aluno aprenda e tenha sucesso.

Cabe ao professor alfabetizador sempre que necessário solicitar ajuda da direção, coordenação, pois o processo é contínuo e os resultados serão da equipe, alfabetizar é algo sério, portanto são necessários para professores que queiram aprender, queiram ensinar, se encantem e encantem seus alunos. Só assim tem resultados positivos nos índices e melhorias na qualidade educacional. Outro fator importante que a família deve ser parte integrante deste processo, para compartilhar os sucessos e incentivar o educando, a sociedade também pode ser um fator fundamental, pois muitas vezes a sociedade esquece-se de auxiliar e enfatizar o incentivo a leitura se preocupando mais com jogos mecânicos sem raciocínio. O fazer é despertar para uma sociedade com maior qualidade educacional envolve mudança de posturas que começam na escola e na família, mas que podem e devem ser incentivadas pela sociedade.

As consequências da falta de compromisso social com o incentivo a aprendizagem e metodologias equivocadas remetem a profundas crises observadas hoje na sociedade falta de bons profissionais, acadêmicos com sérios problemas de escrita, sem ao menos conhecer as normas de português. E tendo isto garantido por direito na Constituição federal o direito de aprender, direito de educação de qualidade.

No ensino fundamental tem seu papel no desenvolvimento da leitura e produção de texto, como a educação infantil e o Ensino médio na ampliação de conceitos cabem lembrar que a Educação básica necessita cada vez mais ser prioridade e atingir seus objetivos não por necessidade de índices, mas para a garantia de uns pais sustentável com melhorias profissionais e melhorias de qualidade de vida e cultura.

Com isso de acordo com o autor Vitor Paro (1996), para atingir suas finalidades as instituições necessitam de um gestor que determinam papéis e responsabilidades. Pois o papel de gestor em uma escola tem uma função de muito desempenho, devem sempre correr atrás de suas estruturas para sua escola não afundar, uma escola necessita de um

gestor adequado e organizado pelos problemas que vão ocorrer com a atitude tudo que se passa dentro da escola, é dirigido ao

gestor e antes de chegar ao acordo tem que avisar e pedir a decisão por ele, toda escola não acabam os problemas antecipado, ou no mesmo dia há muitos problemas mais demorados, outros que devem ser pensados, e muitos que não tem como resolver, é difícil certas decisão, pois o gestor não quer dizer não, há casos que lutam pela equipe de trabalho e tomam decisões adequadas que não dificulta ninguém e fornece a todos com maior estrutura e organização privilegiada em seu ambiente de trabalho.

A seguir, de acordo com o autor apresento os elementos de composição da estrutura organizacional básica da escola:

Retirado estas informações de políticas estrutura organizacional do livro Libâneo dentro da escola publica. p 340, 1996.

Entretanto, de modo semelhante ao que ocorre na aplicação dos princípios na gestão empresarial, a prática mostra que a maioria das decisões ainda cabe ao diretor, como afirma Vitor Paro:

A última palavra deve ser dada por um diretor, colocado no topo da hierarquia, visto como representante da lei e da ordem e responsável pela supervisão e controle das atividades que aí se desenvolvem. Para facilitar essa supervisão, tal tema hierárquico é constituído de tal maneira que todos os que participam da vida da instituição, desde o pessoal de secretaria e os funcionários subalternos (serventes e inspetores de alunos etc.) passando pelo pessoal técnico - pedagógico (orientador educacional, coordenador pedagógico etc.) até os professores e aluno devem desempenhar funções precisas o suficiente para permitir o controle e a cobrança no cumprimento das tarefas e atribuições que estão sob a responsabilidade e obrigação de cada um (apud BARTNIK, 2011, p.57).

Como podemos perceber, embora haja uma flexibilidade na aplicação das normas previstas no regimento escolar e nas legislações oriundas dos sistemas de ensino até mesmo por conta da pressão vinda dos alunos e professores que cobram cotidianamente maior participação nos processos de decisão e sempre deve estar presente a centralização

do poder nas decisões tanto na gestão e organização do trabalho pedagógico escolar quanto na gestão e no processo de ensino-aprendizagem.

O diretor escolar, no seu dia a dia, enfrenta o embate: por um lado, como educador, identificam-se com alunos, professores e pais em suas reivindicações; por outro lado, como superior responsável pela gestão da escola, tem de fazer cumprir as determinações legais. Hoje em dia o papel do gestor não é só assumir suas responsabilidades, mas também tem que enfrentar o que vem pela frente, muitas barreiras que às vezes não pode assumir no momento, ou não esta por dentro do fato que esta acontecendo com o assunto, ou seja, ser pai ou mãe naquele momento indesejado, mas nunca diz não aos problemas e ao que está acontecendo em seu devido momento de trabalho, pois seu papel é uma função muito decisiva e o gestor deve tomar certas decisões para melhor acordo em seu trabalho e seguir de maneira ampla pela escola e comunidade.

Quando transportam esse raciocínio para a gestão escolar, em que o objetivo maior é a formação técnica e política da cidadã humana, a participação adquire maior relevância e se configura na forma mais adequada de construir uma gestão democrática:

Primeiro, por possibilitar o envolvimento de todos os integrantes da escola no processo de tomada de decisão, organização e funcionamento do trabalho pedagógico e administrativo.

Segundo, porque o fato de todos participarem do planejamento, reflexão e execução das práticas de gestão ampliam o conhecimento acerca dos objetivos, que aprofunda a compreensão das funções e metas da escola e, conseqüentemente, amplia o grau de interação entre equipe diretiva e pedagógica, docentes e discentes, pais e comunidades.

As práticas de gestão exigem de toda a equipe, em especial da direção da escola, espírito de liderança, capacidade de dialogar, de construir

consensos e de coordenar o processo de decisão e realização do trabalho pedagógico, além de postura firme e autonomia para construir encaminhamento e criar condições para a operacionalização das decisões.

Com isso, todo gestor dentro de uma escola é um diretor educador e um diretor gestor, porque quando precisa no momento um educador mais profissional mais estudado, que todos os professores poderão tirar sua dúvida na hora, o diretor esta desenvolvida e ajuda, e também dedica todo seu tempo pela sua função que é superior e gerente dentro da escola que estabelece seu trabalho burocrático.

